

A integração entre Teoria e Prática Jornalística no Projeto de Extensão Foca Foto

Marina Michelis de Lima FERNANDES¹

Carlos Alberto de SOUZA²

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

Resumo

A proposta deste artigo é mostrar que o grupo de extensão Foca Foto possibilita, por meio de uma série de atividades, estabelecer relação com a comunidade e, ao mesmo tempo, a integração entre teoria e prática no desenvolvimento de trabalhos relacionados à fotografia e fotojornalismo. A importância em desenvolver elos entre conteúdos teóricos e as práticas configura-se como uma das metas do grupo, que envolve professores, técnicos e alunos. Nos vários subprojetos do Foca há uma reflexão permanente sobre o ato fotográfico, confrontando com as várias correntes teóricas do campo da fotografia. Procura-se estimular o acadêmicos a registrar os acontecimentos sociais de Ponta Grossa e Campos Gerais, contribuindo para visões múltiplas do contexto social. A realização deste trabalho envolveu pesquisa bibliográfica, entrevistas e análise da rotina e produção do Foca Foto

Palavras-chave

Projeto de extensão; Foca foto; Teoria e prática; Fotojornalismo ; universidade

Introdução

O grupo de extensão Fotorreportagem UEPG (Foca Foto) começou a trabalhar com produção fotográfica em 2010, procurando envolver em suas várias atividades a produção de conhecimento sobre a história, cultura e cotidiano de Ponta Grossa e Campos Gerais. Ao longo deste tempo elaborou vários subprojetos - Antes e Depois, Coleção Imagética, Coleção Mídias Contemporâneas, ensaios e reportagens fotográficas sobre a cidade e região -, com a finalidade de oportunizar aos alunos técnicas fotográficas e teorias sobre o campo da fotografia. A proposta principal deste grupo é a profissionalização do aluno na área por meio de um método de trabalho que procura conciliar teoria e prática no processo de produção das pautas e de outras atividades inerentes ao campo da fotografia. Os estudantes envolvidos neste trabalho vivenciam, de forma acentuada, o processo de construção do conhecimento do jornalismo que tem como premissa básica exatamente a máxima de que teoria e prática devem sempre andar juntas. Vários teóricos têm discutido esse assunto e ¹chamado a atenção para a responsabilidade que têm os cursos do jornalismo no país de

¹Trabalho apresentado área de jornalismo do Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento pertence às atividades do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região sul, em maio de 2016

oferecer ao acadêmico um ensino de qualidade. Antes de passar para a descrição e análise dos trabalhos do Grupo Foca Foto, vale se debruçar sobre o que os teóricos falam a respeito deste assunto.

A partir de 1947 e 1948 surgiram as primeiras escolas de Jornalismo no Brasil, sendo elas Cásper Líbero, em São Paulo, e Danton Jobim, no Rio de Janeiro. Ambas pensaram estruturas didáticas inspiradas nos modelos norte-americanos de ensino em comunicação. Segundo Meditsch (2012) os cursos de Jornalismo possuíam uma visão ‘humanista’ e, de certo modo, romântica da profissão. Essas características iniciais perdurariam até a década de 60 no ensino jornalístico brasileiro. A partir daí, torna-se obrigatória a implementação do currículo mínimo oficial nos cursos de Jornalismo. O currículo mínimo foi elaborado posteriormente a criação do Conselho Federal da Educação e, no decorrer do tempo, o ensino do Jornalismo no Brasil foi alterado várias vezes. .

No contexto do Golpe Militar, o país adota um modelo de ensino proposto pela UNESCO (entidade dominada pelos EUA, em época de Guerra Fria) para países ainda em desenvolvimento. Isso aconteceu porque a UNESCO passou a se interessar cada vez mais com a formação dos jornalistas nos países subdesenvolvidos. Com uma preocupação claramente política, essa entidade de domínio americano alegava que o jornalismo mal inspirado poderia agravar desajustes entre classes e partidos (MEDITSCH, 2012). Diante do alarde sobre as ameaças que poderiam desnivelar o equilíbrio político, a UNESCO desenvolve centros de capacitação de professores de Jornalismo para atuarem nos países emergentes. No Brasil, o centro de formação era chamado de Centro Internacional de Estudos Superiores em Jornalismo (Ciespal).

Nesse contexto, altera-se a imagem do jornalista, definindo o profissional como capacitado em comunicação social e, ao longo dos currículos elaborados, tentava-se superar os pontos de vista filosóficos (visão humanista). Esse modelo de currículo oficial carregava a intenção de aniquilar as profissões já consolidadas no campo da comunicação para uma profissão nova de comunicador polivalente. (MELO, 1974). Ademais, a modificação nas estruturas de ensino jornalístico dificultou a construção do caráter reflexivo e crítico, pois o modelo de ensino em comunicação fora implantado por setores detentores de poder, como o governo americano. No entanto, esses setores, além de estarem distantes da realidade

brasileira, tomavam decisões atreladas a interesses políticos particulares. (MEDITSCH, 2012).

A justificativa que os centros de decisões americanos davam era de que países como o Brasil não necessitavam do jornalismo baseado nas sociedades desenvolvidas, mas sim de uma outra forma de comunicação adaptada às suas condições de nações subdesenvolvidas (MEDITSCH, 2012). Essa formulação demonstra o quão ameaçador seria para o regime ditatorial, o país adotar uma prática profissional pautada na liberdade de expressão, como aquela exercida nos países de Primeiro Mundo. A substituição do Curso de Jornalismo pelo modelo único de curso de Comunicação Social desencadeou, segundo Meditsch, consequência negativa para a qualificação acadêmica, que seria o grave problema da ruptura entre a teoria e a prática no curso, já que analisando os currículos, percebe-se que eles diziam mais de intenções do que de resultados concretos.

Durante muito tempo, os cursos de jornalismo permaneceram marginalizados da atividade profissional, porque se limitavam a formar jornalistas dotados de um acerto [sic] humanístico, mas desprovidos de qualquer habilidade para a reportagem a edição ou até mesmo a redação de textos. Essa deficiência foi corrigida, em parte, na década de 70, quando algumas escolas, como é o caso da ECA-USP, desenvolveram programas que buscavam equilibrar teoria e prática (MELO, 1985, p. 70).

Pretendia-se adaptar o ensino de uma maneira que pudesse recuperar o elo entre a teoria e a prática perdido nas escolas de comunicação. Seguindo essa lógica de raciocínio, a atividade extensionista seria uma solução que poderia ajudar, por permite aos estudantes de comunicação desenvolver e aprimorar, na prática, o que aprendem na teoria, visto que a prática remete à reflexão teórica. O conceito de extensão está intimamente associado a ideia de que o conhecimento propiciado pelo meio acadêmico de pesquisa deve, necessariamente, alterar o cenário social, intervindo em suas deformidades e não apenas limitando-se à mera formação acadêmica.

Extensão

Universitária

A prática de atividades de Extensão Universitária, no Brasil, teve início no século XX, sob influência americana e inglesa. A partir de sua implementação, a extensão se caracteriza processo educativo e científico que articula entre Ensino e Pesquisa, onde se estabelece relação com os movimentos sociais. Segundo Freire (1992), a extensão foi definida como ação institucional direcionada à sociedade, com um sentido de retroalimentação e troca de saberes acadêmico e popular.

[...] a comunidade acadêmica encontra na sociedade a oportunidade de elaborar conhecimentos, viabilizando a reflexão sobre a prática. Além de instrumento deste processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (FORPROEX, 1987, p.1).

A Extensão Universitária apresenta tentativas para solucionar os problemas sociais, logo não se limita na mera difusão do conhecimento produzido pela universidade, mas busca alavancar a produção de novos saberes juntamente com a sociedade. A princípio, esse processo educativo serve como "ponte de conexão" entre os acadêmicos da universidade e outras esferas da sociedade, promovendo ideal de cidadania (FORPROEX, 1987).

A viabilidade de interferir na solução dos grandes problemas sociais existentes no país emerge um novo conceito de 'sala de aula', que não mais se limita ao espaço físico tradicional de ensino-aprendizagem. 'Sala de aula' são todos os espaços, dentro e fora da universidade, em que se apreende e se (re)constrói o processo histórico-social em suas múltiplas determinações e facetas. (FORPROEX, 1987).

Sem atividades de extensão, os acadêmicos se distanciam das causas comuns que integram a sociedade. A importância em priorizar as necessidades socioculturais do país consiste em permitir associar o conhecimento acadêmico e popular. Adaptar os estudantes a realidade seria uma ação fundamental na qualificação profissional não só do aluno como do professor, uma vez que estimula um olhar mais crítico perante as necessidades da população, evitando que se repitam padrões conservadores de ensino. Aplicar métodos que possibilitem a inserção direta do aluno em atividades relevantes para a construção de saberes científicos, além de efetivar a fusão entre teoria e prática, proporciona aprimoramento na futura atuação crítica da vida profissional.

O jornalismo possui em sua base o interesse comum e social, constitui um forte meio formador da opinião pública. Está, portanto, intrínseca à sua finalidade não apenas informar, mas instigar as pessoas quanto ao ato de interpretar e questionar essas informações. Tendo em vista a importância da atividade de extensão inserida na graduação, um desafio para as escolas de Jornalismo seria, portanto, formar profissionais dotados de competência para identificar e reconhecer a verdadeira importância e o interesse comum entre as atuais pautas. A extensão universitária no jornalismo permite a união entre teorias e práticas profissionais que estão comprometidas com a liberdade de expressão, o direito à informação e o interesse público.

Entende-se também jornalista como mediador entre as ciências e a tarefa de superar as barreiras da comunicação e vincular as diferentes formas de conhecimento, o que não acontece na operação científica normal diária. O significado social global do jornalismo se introduz também no conceito de divulgação de conhecimento, que é a vinculação do depósito de conhecimento teórico com as diferentes esferas da sociedade onde pode colocá-lo em prática. (KUNCZIK, 1997, p.102).

Elo entre teoria e prática

Um elo entre teoria e prática pode ser percebido quando se estimula o aluno a estar em contato com problemas reais da sociedade, colandando em ação as técnicas e conteúdos que aprendeu em sala de aula. O acadêmico, integrando um projeto de extensão, por exemplo, adquire experiências na profissão e é estimulado a desenvolver autonomia em reconhecer e identificar a relevância social das pautas. O cultivo do olhar crítico em relação aos temas existe devido a possibilidade de interação com fontes e com grupos sociais de culturas diversas. Segundo Kunckzik (1997), os jornalistas devem usar os métodos científicos de pesquisa social para poder prestar declarações comprovadas sobre os temas sociais, ou seja, para poder relatá-los objetivamente. Seguindo essa lógica, os métodos científicos aprendidos em sala de aula são utilizados na extensão, que não deixa de ser uma maneira de atuação do estudante como jornalista. A extensão no curso de Jornalismo da UEPG oferece condições para que o aluno realize coberturas e relatos sobre os temas mais variados e muitos deles de cunho social.

Há um tempo, teoria e prática estavam sendo separadas e colocadas em posição antagônica de conhecimento. Esse distanciamento entre a teoria e a prática seria equivocado, uma vez que a atividade prática necessita de respaldo teórico para existir. Uma prática realizada sem o exercício da reflexão teórica arrisca se tornar uma mera reprodução descompromissada com quaisquer responsabilidades sociais, tirando o valor da profissão. “A teoria que se perde na abstração entra em confronto com a realidade. Ou é rechaçada por ela ou procura violentá-la, violentando no nosso caso o Jornalismo e seu aprendizado.” (MEDITSCH, 2012, p. 95). O jornalista deve ter tanto uma boa formação na área humanista quanto na área prática de atuação, pois é necessário que se esteja apto a desempenhar sua função no mercado de trabalho. O problema dessa divergência construída em cima da teoria x prática está sendo, gradualmente, revista nas Escolas de Jornalismo.

A formação intelectual do jornalista requer uma boa capacidade de interpretação da sociedade e conhecimento dos contextos e das culturas que o cercam no seu trabalho cotidiano. Nesse sentido, a prática extensionista contribui à formação acadêmica. O contato com as outras pessoas, grupos e culturas é facilitado na universidade, quando se ingressa em projetos de extensão e, ao mesmo tempo, amplia o conhecimento de mundo do aluno. A reorientação dos conteúdos teóricos deve acontecer no sentido de formar um profissional capacitado em perceber e interpretar os fatos sociais, mas também adaptado às novas demandas do mercado de trabalho. De acordo com essa realidade, as atividades de extensão seriam uma alternativa eficiente para que teoria e prática conversem e se retroalimentem, ajudando no processo do fazer jornalístico, na cobertura e interpretação dos fatos sociais. Meditsch (2012, p. 74) problematiza a situação onde a teoria tenta sobrepor a prática: "Inacessível aos práticos, desta maneira, a teoria passa a ter vida própria e, cada vez mais, diferencia-se da prática, afirmando a sua superioridade sobre ela".

Projeto

Foca

Foto

A pesquisa e extensão demonstra ser uma estratégia para alinhar teoria e prática, sem que haja supervalorização de uma ou de outra. O projeto de extensão Foca Foto, criado em 2010 com a finalidade de registrar questões envolvendo a história, cultura e a rotina da cidade de Ponta Grossa, oferece oportunidade de trabalhar ao mesmo tempo com pesquisa e extensão, pois as atividades extensionistas acabam gerando pesquisas e reflexões teóricas sobre todas as atividades do grupo. O projeto desenvolve uma série de atividades produtivas, como reportagens, ensaios fotográficos e até mesmo livros, em formato e-book. São duas séries:

coleção imagética e coleção mídias contemporâneas. O contato com as atividades extensionistas do projeto é uma forma alternativa de contribuir para a formação na graduação e dos graduandos. A realização dos subprojetos elaborados pelo Foca Foto se inserem numa perspectiva de estímulo a prestação de serviços à sociedade, preocupação que é inerente ao curso de Jornalismo. "A função social e o interesse público baseiam o jornalismo, portanto a relação entre jornalismo e sociedade deve estar fundamentada no fato de que a sociedade precisa, tem direito à informação de qualidade, ética, democrática" (ZUCULOTO, 2002, p.36).

Para promover Ponta Grossa e a região dos Campos Gerais, o Foca Foto realiza, anualmente, exposições fotográficas sobre as coberturas jornalísticas e as viagens que faz. Nessas saídas o grupo procura aprimorar a habilidade fotográfica dos alunos e reproduzir conteúdos jornalísticos desses acadêmicos, investindo-se no conhecimento das técnicas e das produções fotográficas. Ele aprende técnicas avançadas em fotografia, a trabalhar com profundidade de campo, a selecionar o primeiro plano, a compor imagens conforme a regra dos terços e os elementos que compõem a cena. Aprende que cada foto tem vários sentidos, conforme o ângulo adotado e as intenções do profissional. Sabe distinguir o que é conotação e denotação. Tudo que é ensinado na aula, ele pode colocar em prática no grupo, tendo sempre como preocupação as questões éticas que envolvem a publicação de uma imagem. O estabelecimento da vinculação entre teoria e prática dentro das propostas do grupo se dá pela preocupação também de prestar serviços à comunidade e em relação aos aspectos éticos e teóricos da profissão jornalística. Na prática, o Foca Foto permite o desenvolvimento da habilidade técnica aliada aos ensinamentos teóricos, atendendo a demanda das Diretrizes Curriculares em Jornalismo, que seria alinhar esses dois campos (teoria e prática). Dentro do grupo, as atividades são realizadas de forma integrada e trabalha não só fotos, como também a produção de textos, postagem do material no blog do grupo, seleção e edição de imagens, produção de legendas, ensaios, reportagens, portfólios e mesmo pesquisa sobre a história da fotografia na região.

Os alunos que ingressam no grupo Foca Foto dedicam-se a diversas funções previamente estabelecidas, como produção de textos, fotos e, também, a realização de projetos elaborados em equipe. Segundo o ex-aluno e bolsista do projeto Foca Foto, Matheus Henrique Lara, que atualmente cursa o mestrado de Jornalismo da UEPG, os projetos desenvolvidos dentro do projeto de extensão obtiveram boa repercussão na sociedade. "Particpei no Foca Foto durante

toda a minha graduação. Fui bolsista durante um ano, onde fiquei responsável pelas postagens do site do projeto, bem como edição de texto, seleção de fotos e organização de dois projetos que criamos na época: ‘Antes e Depois’ e a ‘Foto Destaque’ ”. Ele explica que ‘Antes e Depois’ foi uma parceria com dois estúdios de foto da cidade, que gentilmente repassaram para nós algumas fotos antigas da cidade de Ponta Grossa. A proposta era que, semanalmente, algum participante do grupo pudesse reproduzir aquela mesma foto, porém nos dias de hoje. O projeto teve uma boa repercussão nas redes sociais e chegou a ser um dos assuntos mais acessados no blog do Foca Foto. O projeto ‘Destaque’ era uma competição onde os participantes enviavam suas fotos; e elas eram avaliadas por uma comissão de especialistas, formada por jornalistas, fotógrafos e técnicos, que escolhiam também semanalmente a melhor foto, que seria postada no site em um dia específico. Segundo Lara (2016), apesar desses dois projetos terem sido “os que mais marcaram durante minha passagem pelo Foca, não posso deixar de citar as exposições e produções científicas que foram produzidas, que também trouxeram bastante aprendizado de forma compartilhada ao grupo”

Em uma análise sobre a produção realizada anualmente pelo grupo Foca Foto, percebe-se que o projeto atende aos requisitos que permitem a sintonia entre teoria e prática. A orientação das atividades práticas possui embasamento teórico e é justificada por meio de técnicas jornalísticas. Matheus Lara (2016) ressalta ainda que no projeto ‘Destaque’, o desafio de pensar e fazer a melhor foto possível estava diretamente relacionado aos critérios teóricos que compõem o que se entende por uma foto bem construída. É um exemplo de como a relação entre a teoria e a prática é muito presente no projeto.

Por unir teoria e prática, o projeto adquire importância ao proporcionar ao aluno um espaço extra para o treinamento e para a reflexão acerca do fotojornalismo. É evidente que as aulas dessa disciplina também contribuem para isso, mas a experiência prática, mais constante e especificamente relacionada a este conteúdo, é o que faz a diferença. Por ser um grupo de extensão, o Foca ainda tem um papel social muito importante que é o de colocar a comunidade acadêmica em contato direto com a comunidade externa, por meio do blog ou de redes sociais, ou em coberturas ou na produção de reportagens. Este contato é imprescindível e essencial, uma vez que o projeto está sendo executado em uma universidade pública (LARA, 2016)

O projeto Foca Foto, além de possibilitar o elo entre teoria e prática, o que é muito prezado no ensino acadêmico, também atende a outras demandas das diretrizes do curso de Jornalismo como, por exemplo, permitir o contato dos graduandos com a comunidade e os meios sociais em que estão inseridos. A integrante do grupo Foca Foto, Mariana Tozetto, ressalta a preocupação que é pensada durante as produções do Foca, sempre pautadas na valorização da cidade de Ponta Grossa e dos Campos Gerais.

A teoria que aprendemos no primeiro ano em fotojornalismo auxilia bastante na parte de produzir as fotos. O interessante do Foca Foto é que a partir do jornalismo e fotojornalismo nós temos um contato mais próximo da história da cidade, que talvez outros projetos do curso não disponham. Por exemplo, ao trabalhar as imagens do projeto Antes e Depois, além de por em prática a teoria do fotojornalismo que aprendemos em sala, também sabemos mais sobre a história dos patrimônios da cidade. O projeto expande nossas visões nesse sentido. Os projetos de extensão no curso de Jornalismo são algo que dão uma visão mais prática e ampla para nós como alunos, visto que as disciplinas ligadas ao curso, geralmente, mostram só o superficial do assunto. Para quem tem interesse na área do fotojornalismo, tanto na prática como na teórica, acredito que seja vital a participação de projetos de extensão e pesquisa ligados a área. (TOZETTO, 2016)

Considerações finais

O projeto Foca Foto permite que o aluno, em seus vários subprojeto, experimente, coloque em prática a teorias discutida em sala de aula, bem como as técnicas fotográficas explicitadas por manuais de ensino. Por proporcionar esta sintonia, acaba assumindo relevância e reconhecimento dentro da universidade, principalmente por contribuir para aprofundar conhecimentos da área da fotografia e fotojornalismo. A extensão tem em sua essência o caráter de permitir ao aluno estar em contato com um espaço de produção extra classe. O exercício de produzir possibilita treinamento e reflexão sobre questões teóricas e ao mesmo tempo éticas do fotojornalismo.

É evidente que as aulas da disciplina ‘Fotojornalismo’ também contribuem para a reflexão, mas a experiência prática é mais constante e especificamente relaciona o conteúdo. Por ser um grupo de extensão, o Foca ainda tem um papel social muito importante que é o de colocar a comunidade acadêmica em contato direto com a comunidade externa, por meio do blog ou de redes sociais, ou em coberturas ou na produção de reportagens. Este contato é imprescindível e essencial, uma vez que o projeto está sendo executado em uma universidade pública (LARA, 2016).

O projeto de extensão Foca Foto, por meio de suas produções, atende as demandas do meio acadêmico por meio de dinâmicas que facilitam o contato dos estudantes com a sociedade. A associação do conhecimento acadêmico com o conhecimento popular é uma maneira de atender a questões de âmbito cultural e social da região. É possível concluir, portanto, que o Foca Foto aprimora o conhecimento de seus integrantes para uma qualificação profissional embasada no olhar crítico que é construído dentro e fora das salas de aula.

Referências

I ENCONTRO de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras, 1987, Brasília. Conceito de extensão, institucionalização e financiamento. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-doFORPROEX.pdf>> Acesso em: março de 2016.

XXX ENCONTRO NACIONAL DO FORPROEX – FORUM DE PRO-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR – Carta de Porto Alegre. <<http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-doFORPROEX.pdf>> Acesso em: março de 2016

FREIRE, Paulo **Extensão ou Comunicação?** 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

KUNCZIK, Michael. Conceitos de Jornalismo: norte e sul: **Manual da Comunicação**. Tradução de Rafael Varela Jr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

LARA, M. **Entrevista concedida pelo ex-integrante do Grupo Foca Foto**. Ponta Grossa, 18 abril. 2016.

MELO, José Marques de. **Contribuições para uma pedagogia da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1974.

TOZETTO, M. Entrevista concedida pela ex-integrante do Grupo Foca Foto. Ponta Grossa 18 abril. 2016.

ZUCULOTO, V.R.M. **Formação Superior e Qualidade de Ensino**: uma luta histórica por um jornalismo sempre melhor. In: Federação Nacional dos Jornalistas; Cátedra Fenaj-UFSC.(Org.). **Formação Superior em Jornalismo: Uma exigência que interessa à sociedade**. 1ªed. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 2002, v.p-